

Novos projetos siderúrgicos atenderão ao aumento da demanda até 2014

Por **Fernando Puga** e **Gilberto Borça Jr.**
Chefe de departamento e gerente da APE
Pedro Sérgio Landim de Carvalho e
Marcelo Machado da Silva
Gerente e economista da AIB*

Investimentos de R\$ 27,7 bilhões no setor também reduzirão pressão de custos na cadeia industrial

Os efeitos recessivos da crise internacional na economia brasileira ficaram no retrovisor. Indicadores de atividade chave, como a produção industrial, o investimento e o emprego, voltaram aos patamares anteriores ao agravamento do cenário externo. A retomada do crescimento em bases sólidas vem, consequentemente, modificando a agenda recente do debate econômico, direcionando-a para o superaquecimento e seus desequilíbrios

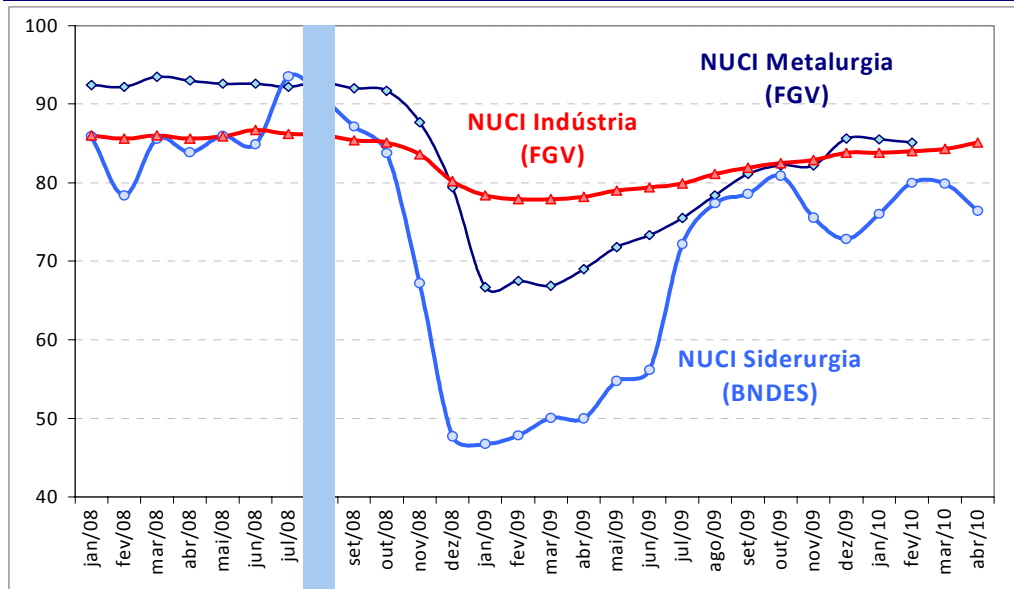
correlatos (elevação da inflação e do déficit em transações correntes).

De fato, enquanto as projeções do PIB para 2010 vêm se elevando de maneira significativa, passando de 5,2% em jan/10, para 7,2% no início de jul/10, as expectativas de inflação subiram de 4,5% para 5,55%, nesse mesmo período. A responsabilidade por essa mudança de cenário recai, em especial, sobre os indicadores de capacidade da indústria. O diagnóstico é que o crescimento acelerado da demanda e da produção industrial vêm acarretando aumentos sucessivos e contínuos do nível de utilização da capacidade instalada (NUCI) na indústria – relação entre o nível e

Visão do Desenvolvimento é uma publicação da área de Pesquisas Econômicas (APE), do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. As opiniões deste informe são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente o pensamento da administração do BNDES.

* Área de Insumos Básicos.

Gráfico 1: Evolução do NUCI da Indústria de Transformação e do NUCI da Siderurgia (dados mensais em %)



Fonte: FGV, BNDES. Elaboração APE/BNDES e AIB/DEINB BNDES.

a capacidade de produção industrial. O descompasso entre a demanda e a oferta levaria a um ajuste via elevação de preços (i.e., aceleração da inflação).

A solução dessa questão passa pela expansão da taxa de investimento, a qual contribui para a elevação do produto potencial do país e permite maior equilíbrio ao crescimento da economia. Entretanto, há um *lag* temporal entre a realização dos dispêndios em máquinas e equipamentos e sua transformação efetiva em capacidade produtiva. A demora na maturação de investimentos gera gargalos na economia, pressionando os custos de produção e aumentando as importações.

Um setor de importância fundamental nesse contexto é o siderúrgico. Trata-se do principal ofertante de bens intermediários para grande parte dos setores da economia, como as indústrias da construção civil,

automotiva e de bens de capital. Nesse sentido, o desempenho do setor de siderurgia é um fator crítico para atender à expectativa de ampliação da construção residencial, exploração do petróleo na camada do pré-sal, aos projetos ligados aos eventos esportivos e ao aumento do consumo de bens duráveis. Problemas de oferta no setor tendem a se propagar pelo restante da cadeia industrial e, conseqüentemente, para o nível de preços da economia, gerando forte entrave ao crescimento do PIB.

O objetivo dessa edição do Visão do Desenvolvimento é traçar um breve cenário para o setor de siderurgia até 2014. Para isso, utilizam-se os indicadores de NUCI e produção industrial a partir do levantamento dos investimentos e da perspectiva de entrada em operação de novas unidades produtivas. O argumento central é que, apesar da recente alta do NUCI setorial e do ce-

nário de aumento da demanda de aço nos próximos anos, existem projetos em curso que levarão a uma ampliação da capacidade de produção. Nesse sentido, a perspectiva é de queda no NUCI do setor. Esse movimento deverá contribuir para reduzir não somente as pressões de custos existentes na cadeia industrial, mas também minimizar os efeitos sobre a própria inflação.

Desempenho do NUCI e da produção industrial

O Gráfico 1 mostra o comportamento não apenas do NUCI da indústria de transformação, mas também do NUCI da metalurgia, calculados pela FGV, entre janeiro de 2008 e abril de 2010. Além disso, construiu-se, em paralelo, o NUCI da siderurgia mediante a utilização dos dados do BNDES. Esse indicador consiste na razão, em bases mensais, entre a produção realizada e a capacidade produtiva média instalada a partir de dados do IABr (Instituto Aço Brasil).

Nota-se que, em agosto de 2008, o NUCI do setor estava bem acima da média da indústria. Nos meses seguintes esse quadro mudou de forma abrupta, com o agravamento da crise internacional. A queda do NUCI foi bem mais intensa na siderurgia que no restante da indústria. Em janeiro de 2009, o setor utilizava, de acordo com o NUCI siderurgia do BNDES, menos da metade de sua capacidade instalada de produção de aço, ficando muito abaixo da média de 88% observada nos sete anos anteriores. Dentre os 14 alto-fornos instalados no país, seis foram temporariamente desativados.

No entanto, a retomada do NUCI da side-

urgia foi rápida. A Usina Presidente Vargas da CSN foi a primeira a religar seu alto-forno, em junho de 2009, que havia passado 90 dias parado para manutenção. No mês seguinte, o principal alto-forno da Gerdau Aço-Minas, que ficou paralisado por seis meses, voltou a funcionar. Em agosto de 2009, a Usiminas, que conta com cinco altos-fornos, religou 2 dos 3 que estavam paralisados por um semestre. No início de 2010, a usina de Tubarão - ArcelorMittal Brasil - operava em plena carga, após ter paralisado um dos seus três altos-fornos por mais de seis meses durante a crise e operar os outros dois com cerca de 60% de sua capacidade. Em abril de 2010, com todos os fornos já religados, o setor operava com 76% da sua capacidade, bem acima dos 50% no mesmo mês do ano anterior, mas ainda

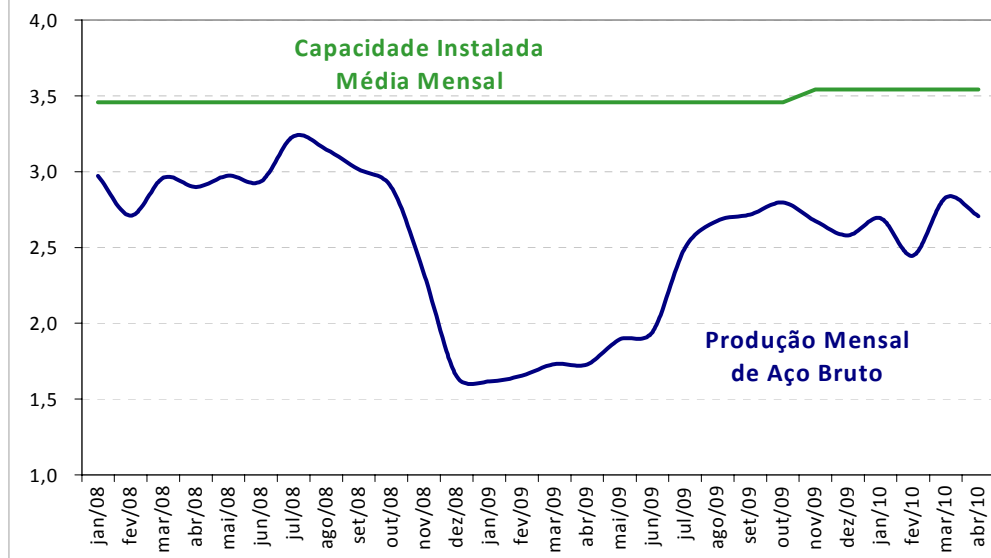
Perspectiva de crescimento da produção de aço e da capacidade instalada evitará aumento das importações

abaixo dos 91% de agosto de 2008, mês anterior ao agravamento da crise internacional.

O comportamento do NUCI da siderurgia é inteiramente explicado pelo desempenho da produção industrial. Em abril de 2010, foram produzidas 2,7 milhões de toneladas de aço, frente a 1,7 milhão em abril de 2009, e 3,1 milhões em agosto de 2008. Como mostra o Gráfico 2, houve pouca ampliação da capacidade instalada no período, que ficou praticamente estável em 3,5 milhões de toneladas de aço ao mês.

A questão fundamental a ser respondida é se, com a perspectiva de crescimento da demanda de aço nos próximos anos, a produção e a capacidade instalada do setor irão crescer em ritmo adequado, de modo a evitar o indesejável aumento das importações e as pressões sobre a inflação do

Gráfico 2: Produção e Capacidade Instalada da Siderurgia (jan/08-abr/10)
(em milhões de toneladas)



Fonte: IABr, BNDES. Elaboração APE/BNDES e AIB/DEINB BNDES.

país. A resposta passa não apenas pela projeção da demanda futura de aço, mas também pela necessidade de mapear os projetos em curso no setor e suas respectivas datas de maturação. Em outras palavras, é preciso saber tanto se os projetos em curso serão suficientes para ampliar a capacidade instalada, quanto se ocorrerão em tempo hábil para evitar o aparecimento de gargalos.

Cenário de oferta e demanda de aço

Entre 2000 e 2009, as empresas siderúrgicas brasileiras investiram US\$ 20,3 bilhões. Essas inversões destinaram-se, principalmente, à modernização, expansão e atualização tecnológica das usinas, adicionando 13,5 milhões de toneladas/ano de capaci-

dade produtiva. Em 2009, a capacidade média instalada ficou em 41,7 milhões de toneladas. A perspectiva é de que o setor invista US\$ 27,7 bilhões (R\$ 51 bilhões), no período 2010 – 2013¹.

No restante deste estudo, procuramos verificar se esses investimentos irão maturar no prazo necessário para atender a expansão do consumo de aço, evitando aumento das importações e pressões de custo na indústria (e pressões inflacionárias na economia). Para isso, foi projetado o crescimento da capacidade instalada, a partir dos projetos em curso, e elaborado um cenário de crescimento da demanda interna, considerando as necessidades de aço por conta da exploração de petróleo no pré-sal e dos eventos esportivos a serem realizados no Brasil nos próximos anos – Copa do Mundo 2014 e Jogos Olímpicos 2016.

¹ Ver Visão do Desenvolvimento nº 81.

■ Cenário de oferta

O prazo de maturação dos investimentos no setor siderúrgico varia significativamente conforme o tipo de projeto. Naqueles voltados à fabricação de aços longos, há uma demora de cerca de 30 meses entre o início das obras de terraplanagem e o efetivo *start up* da produção. Os valores investidos estão, grosso modo, distribuídos no tempo da seguinte forma: 20% nos 10 primeiros meses, 50% nos 10 meses seguintes e 30% nos 10 meses restantes. Em projetos para fabricação de aços planos, o prazo de maturação é bem mais longo, situando-se em cerca de 54 meses.

O Gráfico 3 mostra as projeções mensais de capacidade instalada e produção de aço no período 2010-2014, a partir dos projetos em curso mapeados pelo BNDES. A capacidade instalada em 2010 deverá chegar, em dezembro, a 3,85 milhões de t/mês, o que equivale a 46,2 milhões de t/ano. Os principais projetos são: i) complexo siderúrgico CSA, com 5,0 milhões de t/ano, com produção inicial de 2,5 milhões t/ano, prevista para agosto de 2010, e de 2,5 milhões t/ano para março de 2011; e (ii)

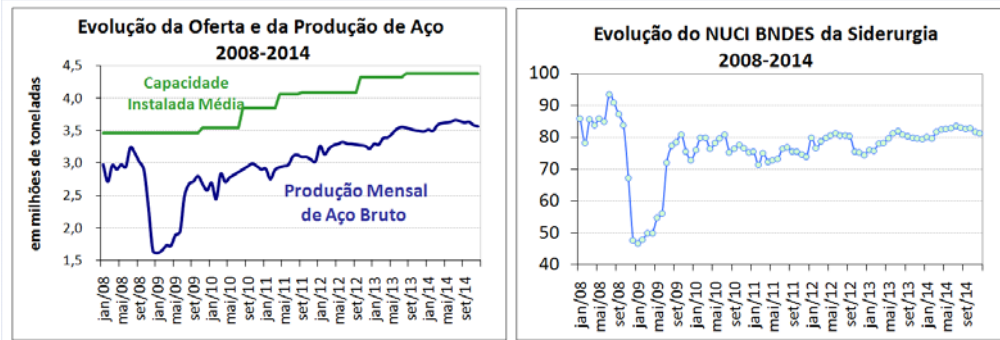
Vallourec & Sumitomo, com 1 milhão de t/ano, com início previsto para o segundo semestre de 2010. Outros grandes aumentos da capacidade instalada estão previstos para 2011 e 2012.

Como resultado, vislumbra-se um aumento da capacidade instalada de produção de aço dos 41,7 milhões de toneladas em 2009, para 52,5 milhões de toneladas em 2014. No mesmo período, a produção deverá aumentar de 26,5 milhões para 43,1 milhões de toneladas. Com o maior crescimento da produção frente à capacidade instalada, o NUCI BNDES da siderurgia deverá aumentar de 66,6% em 2009 para 82,1% em 2014. Essa alta, embora expressiva, fará com que a utilização de capacidade continue em níveis inferiores tanto ao de meados de 2008, quanto ao da média de 87,7% entre 2002 e 2008. Nesse sentido, terá pouco efeito em termos de pressão sobre os preços do setor.

■ Cenário de demanda

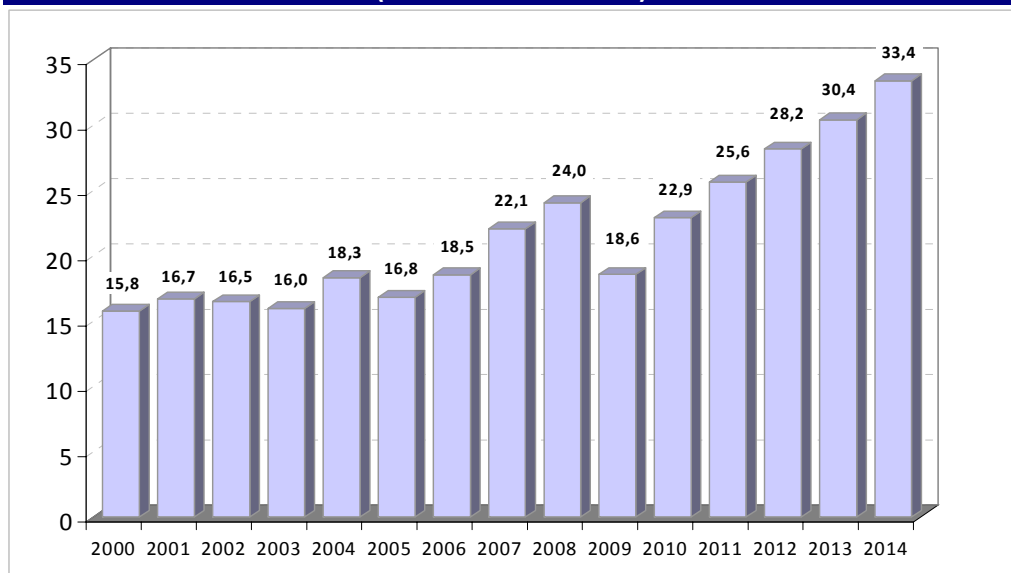
A projeção da demanda brasileira de aço para os próximos anos foi realizada, basicamente, em duas etapas: i) elaboração

Gráfico 3: Evolução da Oferta, Produção de Aço e Utilização de Capacidade Instalada (em %) na Siderurgia (2008-2014)



Fonte: BNDES

Gráfico 4: Consumo Doméstico de Aço (2000-2014)
(milhões de toneladas)



Fonte: BNDES

de um cenário macroeconômico para o Brasil que estime o crescimento da economia e seus efeitos derivados sobre a demanda por aço; e ii) adição dos efeitos da exploração de petróleo no pré-sal e dos eventos esportivos a serem realizados nos próximos anos.

Estudos feitos pelo Instituto Aço Brasil – IABr apontam que, entre 2010 e 2016, o pré-sal deverá consumir cerca de 2 milhões de toneladas adicionais de aço. A Copa do Mundo de 2014 demandará mais 4,5 milhões de toneladas, enquanto os Jogos Olímpicos de 2016 consumirá 1,3 milhão de toneladas. Esses três fatores - pré-sal, Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas 2016 - gerarão uma demanda adicional de 7,8 milhões de toneladas de aço, o que representa um crescimento médio anual de 1,1 milhão de toneladas de aço bruto até 2016.

O Gráfico 4 mostra o desempenho re-

cente e a projeção da demanda brasileira de aço para os próximos quatro anos, considerando o impacto desses fatores. A perspectiva é de que o consumo doméstico aumente de 18,6 milhões em 2009, para 33,4 milhões de toneladas de aço em 2014. Trata-se de uma expansão anual média de 12,4%, e um crescimento acumulado de 80%. Grande parte desse desempenho reflete a deprimida base de comparação, uma vez que a demanda de aço foi bastante reduzida em 2009. Quando a base de comparação passa a ser o ano de 2008, o crescimento acumulado até 2014 passa a ser de 39%, enquanto a expansão média anual situa-se pouco acima de 5,5%, em linha com as projeções de crescimento da economia no período. Em ambos casos, o cenário é de aumento na demanda de aço superior ao crescimento do PIB. Para os dois períodos, projeta-se expansão acumulada do PIB em torno de 30%.

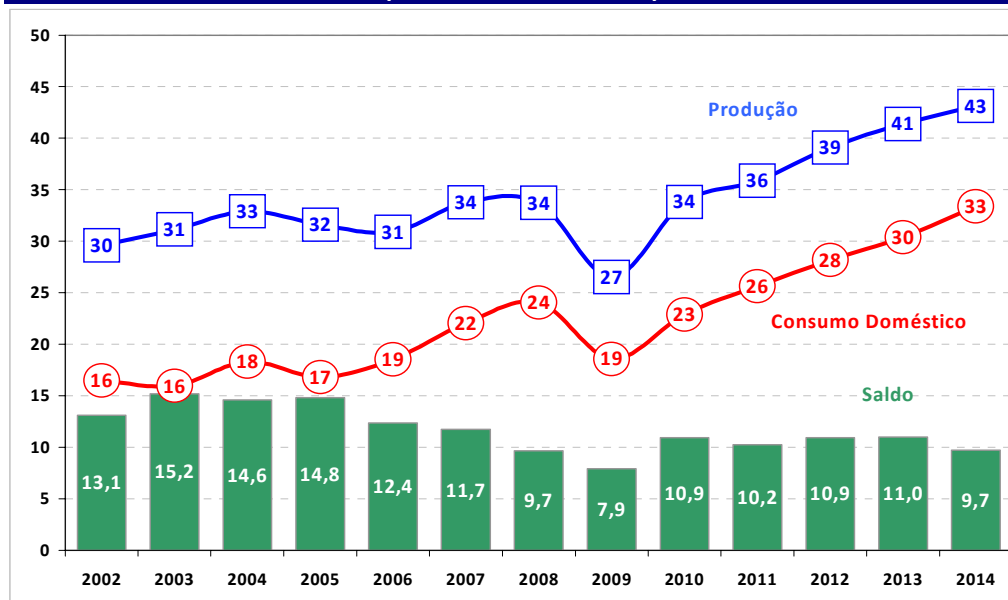
■ Comparando demanda e oferta

O Gráfico 5 compara os cenários de demanda e oferta de aço. Observa-se que o Brasil possui um excesso de produção que deverá manter-se nos próximos anos, mesmo com o aumento da demanda doméstica. A projeção é de que esse excedente de produção fique próximo de 10 milhões de toneladas de aço em 2014. Com isso, a estimativa de demanda adicional média de 1,1 milhão de toneladas de aço bruto por ano, em razão da exploração de petróleo no pré-sal e dos eventos esportivos, será atendida com folga pelo aumento esperado na produção. Deve-se ressaltar ainda que, em função das margens de comercialização, a produção de aço é direcionada, preferencialmente, para o mercado interno. Se, porventura, houver um crescimento econômico maior que o pro-

jetado, ampliando a demanda por aço no mercado interno, haverá redução do saldo comercial, com redirecionamento das vendas destinadas ao exterior para atender à demanda doméstica.

O diagnóstico de que a siderurgia brasileira será capaz de atender à demanda doméstica não muda quando se considera que parte da produção de aço consiste em semi-acabados, sendo exportada. De fato, a venda no mercado interno de laminados é mais rentável que exportar semi-acabados. Assim, diante de um crescimento maior da economia, projetos em curso direcionados à demanda externa poderiam ser redirecionados para a demanda interna, com investimentos em laminação. No entanto, esse cenário não deve chegar a acontecer. A projeção é de que a capacidade instalada de produção de laminados aumente de 31,4 milhões para 36,7 milhões de toneladas de aço, entre 2010

Gráfico 5: Oferta e Demanda de Aço (2002-2014)
(milhões de toneladas)



Fonte: BNDES

e 2014. Este montante supera com folga o consumo doméstico projetado de aço, de 33,4 milhões de toneladas em 2014.

Conclusão

Os efeitos da crise financeira internacional já foram superados pela economia brasileira. Com isso, as questões mais relevantes na agenda recente do debate econômico estão voltadas para o elevado ritmo de crescimento da economia nos últimos trimestres. As elevações das projeções de expansão do PIB em 2010 vieram acompanhadas de uma majoração das expectativas de inflação e de agravamento do déficit em transações correntes.

Objetivando investigar as possíveis pres-

sões de custos na indústria (e de inflação na economia), o trabalho analisou um setor

intermediário fundamental, que está na base da formação de preços da cadeia industrial – o setor de siderurgia. Foi elaborado um cenário de ampliação da capacidade instalada, produção e consumo doméstico de aço. As projeções foram feitas a partir de quatro elementos: i) do levantamento exaustivo dos investimentos em curso, ii) da data de entrada em operação dos projetos, iii) de um cenário para o crescimento da economia; e iv) de informações sobre a demanda de aço por conta da exploração de petróleo no pré-sal e dos eventos esportivos. O objetivo foi responder às preocupações quanto à capacidade da indústria brasileira de atender a uma demanda interna, com perspectiva de crescimento significativo nos próximos

anos, diante do aumento da renda e dos investimentos na economia.

As projeções mostram que, apesar da recente alta do nível de utilização da capacidade instalada (NUCI) na siderurgia e do cenário de aumento da demanda de aço, existem projetos em curso que levarão a uma ampliação da capacidade instalada de produção. Nesse sentido, a perspectiva é de queda no NUCI. Esse movimento deverá contribuir para reduzir as pressões existentes sobre a inflação.

A produção doméstica de aço continuará superior às necessidades do país nos próximos anos. Será suficiente para atender ao aumento da demanda interna e às necessidades adicionais por conta da exploração de petróleo no pré-sal e dos even-

tos esportivos. Um cenário de crescimento maior da economia levaria à redução do

saldo comercial do setor, mas não a déficits. Unidades produtivas voltadas à exportação de semi-acabados poderiam ser rapidamente ampliadas, com investimentos destinados à laminação desses produtos, para atender ao mercado interno.

Em suma, a siderurgia não será entrave ao crescimento do país. No horizonte analisado de 2010 a 2014 não se vislumbra gargalos no setor que se transformem em pressões de custos ao longo da cadeia industrial. Nesse sentido, o setor não exercerá pressões sobre a inflação, nem gerará uma reversão do seu saldo comercial. Assim, este estudo traz conclusões que reforcem o cenário favorável para a economia nos próximos anos.

